

PARADOXO E POLÊMICA, ARGUMENTO E CONSTRANGIMENTO: REFLEXÕES SOBRE E.P. THOMPSON¹

Bryan D. Palmer²

Tradução: Luiz Carlos Luna Chorro³

Revisão: Célia Rocha Calvo⁴

Poucas palavras aparecem com mais frequência em *A formação da classe operária inglesa* do que o paradoxo. Ele faz introdução à referência infame ao metodismo como “uma forma ritualizada de masturbação psíquica”. Thompson argumentou que era “o paradoxo de uma ‘religião do coração’ que deveria ser notório para a inibição de toda espontaneidade”.⁵ Na área de relações de gênero, sobre a qual muito se fala, Thompson tinha muito pouco a dizer.⁶ *A formação* novamente acentua os

¹ Este artigo se baseia em material publicado em, Paradox and the Thompson “School of Awkwardness”. In: FIELDHOUSE, Roger; TAYLOR, Richard. (Ed.). *The legacies of E. P. Thompson*. Manchester: Manchester University Press, previsto para 2013; In: PALMER, Bryan D. *History as argument: How The Making of the English Working Class was made. Against the Current*, previsto para 2013.

² Professor da Trent University, Canada Research Chair, FRSC.

³ Mestre em História Social da PUC-SP.

⁴ Profa. do Programa de Pós-graduação em História/Instituto de História e Coordenadora do NUPEHCIT da UFU, MG.

⁵ THOMPSON, E. P. *The making of the English working class*. Harmondsworth, Inglaterra: Penguin, 1968. p. 405.

⁶ Veja, por exemplo, SCOTT, Joan Wallach. Women in the making of the English working class. In: *Gender and the politics of history*. New York: Columbia University Press, 1988. p. 68-90; STEEDMAN, Carolyn. The price of experience: women and the making of the English working class. *Radical History Review*, 59, Spring 1994. p. 108-119; CLARK, Anna. *The struggle for the breeches: gender and the making*

paradoxos: a afirmação dos direitos das mulheres associados com o jacobinismo foi refutada em sermões e tratos repreensivos, assim como a subordinação das mulheres no casamento era muitas vezes vigorosamente proclamada, por meio da referência às escrituras, mas a “tradição de uma minoria teimosa” associada a Wollstonecraft, Blake e Thomas Spence aumentou os pedidos de maior envolvimento das mulheres na vida pública, que continuaram a ser expressos no começo radical do século XIX, como o *The black dwarf* e entre os *Owenites*, sobre quem Barbara Taylor escreveria mais tarde tão fortemente.⁷ Thompson lutou durante toda *A Formação* contra o “paradoxo do sentimento”, que deixou sua marca na vida da classe operária no caldeirão de mudanças econômicas e sociopolíticas. Foi quando os Atos de Combinação estavam em vigor que os sindicatos registraram grandes avanços; quando muitos empregadores estavam desafeiçoados em relação aos atuais aparatos do governo, revelando disputas entre diferentes camadas de poder, a ameaça à ordem das classes inferiores enfraqueceu-se; quanto mais a contrarrevolução procurava conter a resistência, mais prováveis eram as afirmações de novas reivindicações quanto aos direitos populares.⁸ Classes foram formadas dentro dos paradoxos:

Disseram a eles que não tinham direitos, mas eles sabiam que tinham nascido livres. Os *Yeomanry* foram até a reunião, assumiram o controle, e o direito a reuniões públicas foi adquirido. Os panfletários foram presos, e das prisões eles editavam panfletos. Os sindicalistas foram aprisionados, e foram levados para a prisão por procissões com bandas e faixas sindicais.⁹

Esse sentido de paradoxo, eu sugiro, estimula *A formação*

of the British working class. Berkeley: University of California Press, 1997.

⁷ *The Making*, p. 453. Nota de TAYLOR, Barbara. *Eve and the New Jerusalem: socialism and feminism in the nineteenth century*. London: Virago, 1983.

⁸ THOMPSON, 1968, p. 550, 558, 567, 613.

⁹ *Ibidem*, p. 914 e 791, a respeito de Peterloo.

da classe operária inglesa de E. P. Thompson, não apenas no nível da complexidade histórica e de sua narração, que também é importante, mas através do recurso constante de Thompson ao argumento que, por sua vez, sustenta sensibilidades analíticas que recusam todas as ortodoxias. É precisamente por causa dessa mistura de paradoxo, argumento e recusa que *A formação* de Thompson registra um texto tão único, que o próprio autor nunca pode ser inserido em um espaço interpretativo acomodado ao gosto de qualquer um. O intelecto de Thompson era como seu passo, estranho em sua resistência cambaleante ao ser contido por uma convenção.

E. P. Thompson oferece aos historiadores, e a todos os outros que quiserem ouvir, muitas palavras sobre as complicações cruciais para a compreensão do passado, e as complexidades de traduzir um conhecimento de seu significado para o presente. Ele colocou isso com o florescer da simplicidade metafórica em sua obra *A miséria da Teoria*, proclamando: “A História não conhece verbos regulares”. Com isso, ele quis dizer que:

Em uma investigação histórica, não estamos folheando através de uma série de “imagens estáticas”, em que cada uma mostramos um momento do tempo social paralisado em uma única pose eterna, pois cada uma dessas imagens estáticas não é apenas um momento de ser, mas também um momento de se tornar, e ainda dentro de cada seção aparentemente estática, haverá contradições e ligações, elementos dominantes e subordinados, declínio ou ascensão de energias. Qualquer momento histórico é simultaneamente o resultado de um processo prévio e um indicador para a direção de seu fluxo futuro.

“Oh, mas é preciso ser um dialético para entender como esse mundo funciona”, ele escreveu em sua carta aberta a Leszek Kolakowski.¹⁰

¹⁰ THOMPSON, E. P. The poverty of theory or an orrery of errors e An open letter to Leszek Kolakowski In: The poverty of theory & other essays. London: Merlin, 1978.

Como William Blake, a quem tanto admirava, Thompson articulou uma maneira “de sair da sabedoria e do moralismo recebidos e entrar em novas possibilidades”. Isso foi feito através do “ataque”. De fato, como Thompson visionou uma nova política de dissidência após sua saída do Partido Comunista, em 1956, ele escreveu para seu colaborador, John Saville, delineando uma plataforma sobre a qual seu jornal coeditado, o *New Reasoner*, poderia ser criado. “[A] principal coisa que eu quero neste jornal é o ataque”, escreveu Thompson, “e eu quero especialistas que escrevam de tal forma que leigos possam não apenas entender o que eles dizem, mas (se o assunto exigir) possam ser estimulados, despertados ou movidos por aquilo que dizem”. Como em Blake, isso só poderia ser feito por um “raro pensamento e sentimento”. Thompson viu isso em Blake, “mesmo quando ele passa de um entusiasmo revolucionário para as mais quietas conclusões”, e sua avaliação final de Blake foi, de certa forma, um autorretrato adequado. Blake tinha sua própria maneira de manter “a visão divina em momentos de crise”, escreveu Thompson, e ele se apropriou de características e recebeu posições de dissidência “em formas mais esotéricas”. Nesta, havia “obscuridade e talvez até mesmo algumas esquisitices”.

A “incandescência” na arte de Blake revelou um encontro de “tradições incompatíveis”. A complexa estrutura intelectual resultante foi um híbrido histórico e criativo, em que os sistemas anteriores de pensamento ofuscavam-se em interesses atuais, que “tentaram se unir – quando ditos sendo contrários – e foram mantidos em tensão polarizada”. Mesmo assim, havia uma base de continuidade: “nunca houve o menor sinal de submissão ao ‘reino de Satanás’”. Nunca, em qualquer página de Blake, houve o mínimo de cumplicidade com o reino da Besta. O estranho currículo de Thompson continha muitos livros, e suas páginas apresentavam volumes em forma de argumento, a maioria paradoxal. Assim como Thompson salientou a coragem imaginativa de Blake, não podem haver questões sobre a recusa

p. 238-239, 183.

de Thompson de ser incorporado, sofrer o desencanto dos deuses que falharam e repudiar as causas de sua juventude, as quais permaneceram, em muitos aspectos, como as campanhas de sua maturidade.¹¹

Dialética e Argumento

Nos trabalhos com Educação para Adultos, admiravelmente debatidos por Roger Fieldhouse e Peter Serby, Thompson foi insistente no fato de que todo aprendizado “digno deste nome envolve uma relação de reciprocidade, uma dialética”.¹² De fato, no centro de seu trabalho como tutor itinerante de literatura e história, o que moldou a escrita de *A formação*, havia uma visão pedagógica específica. Thompson pensou que o propósito da Educação de Adultos, conduzido por meio dos departamentos além dos muros da universidade, era a extensão da democracia, a qual somente poderia ser percebida quando as instituições de ensino superior fossem apresentadas à “abrasão de diferentes mundos de experiência, na qual as ideias são trazidas para o teste de vida”.

Para essa finalidade, uma parte de sua pesquisa para *A formação* foi adquirir um tear e aprender a trabalhar nele sozinho, a fim de adquirir alguma compreensão sobre o que implicava o trabalho de um tecelão. Este era apenas um componente do método de Thompson e pode parecer de significado bastante marginal diante da sofisticação da crítica teórica contemporânea; ainda assim, encaixava-se bem em seu desenvolvimento de concordância conceitual. Reafirmando sempre, com inteligência

¹¹ THOMPSON, E. P. *Witness against the beast: William Blake and the moral law*. New York: New Press, 1993. p. 20-21, 228-229; Thompson para Saville, 1957, fornecida a cortesia de Wade Matthews.

¹² FIELDHOUSE, Roger. Thompson: The Adult Educator. Forthcoming In: FIELDHOUSE, Roger; TAYLOR, Richard. (Ed.). *The Legacies of E.P. Thompson*. Manchester: Manchester University Press, 2013; SERBY, Peter; MALCOLMSON, Robert. Edward Thompson as a Teacher: Yorkshire and Warwick. In: RULE John; MALCOLMSON, Robert. (Ed). *Protest and Survive: Essays for Edward Thompson*. New York: New Press, 1993. p. 1-17.

e sabedoria, a compaixão e a capacidade de Wordsworth de ouvir “da boca de homens humildes e de um obscuro conto de honra”, foi transformado por Thompson em uma necessidade carregada de importância política e intelectual:

Quando eu comecei a indagar,
Observar e questionar aqueles que encontrava e com quem
mantinha Conversas familiares, os caminhos solitários
Foram como escolas para mim, em que eu diariamente lia
Com muito encantamento as paixões da humanidade
Lá, olhei dentro das profundezas das almas humanas,
Almas que parecem não ter profundidade nenhuma
Para olhos comuns. E agora, estou convencido de coração
Do quão pouco aquilo a que sozinhos damos
O nome de educação tem relação
Com o real sentimento e sentido do justo.¹³

As visões de Thompson sobre método investigativo, forjadas no materialismo histórico e em uma abordagem dialética do conhecimento que viu os resultados como uma espécie de “disfunção racional”, ele frisou que as análises de eventualidade, contradição, mediação e da organização e da estruturação sistemáticas da vida social, política, econômica e intelectual poderiam ser reveladas somente por um tipo de diálogo.

A evidência empírica e a teorização abstrata devem ser feitas para dialogar uma com a outra. Fora do choque de aparentemente opostos e de diferenças contraditórias, Thompson encontrou novas formas de utilizar uma linguagem desgastada, a qual trata das necessidades e aspirações de homens e mulheres situados entre tipos específicos de relações sociais cheias de tensão, oferecendo uma nova estrutura interpretativa dentro da qual

¹³ WORDSWORTH. *E.P. Thompson, education and experience: Fifth Mansbridge Memorial Lecture*. Leeds: Leeds University Press, 1968. p. 6 e 8. Sobre a compra de um *tear* ver HOBSBAWM, E. J. Edward Palmer Thompson 1924-1993. *Proceedings of the British Academy*, 90, 1996, p. 524.

tais relações poderiam ser analiticamente enquadradas. Como Thompson disse uma vez sobre as formas como Christopher Caudwell enriqueceu e iluminou as variadas interpretações do marxismo, “o que então se comunica não é apenas uma nova ‘ideia’ (ou uma velha ideia comunicada de forma nova), mas uma nova maneira de ver, isto é, uma ruptura com uma visão totalmente concebida do mundo, com seus vocabulários e termos”. Tudo isso, para Thompson, era uma “dialética do conhecimento histórico”.¹⁴ Seu movimento era o *argumento*.

Tom & Sensibilidade

O autor de *A formação*, sempre formulou seus pensamentos enfrentando visões contrárias, apoiando-se em suas firmes concepções e pensamentos. “Para alçar grandes voos, por uma lei bem conhecida pela aeronáutica, só se pode subir para o ar contra um vento forte”, escreveu Thompson, adotando a persona metafórica da própria estranheza: “É somente enfrentando a oposição que eu sou capaz de definir meu pensamento”.¹⁵

De fato, *A formação*, caracterizada como é, por uma estrutura esquisita, quase prolixa e certamente repetitiva, na qual o autor nos leva ao engajamento com desenvolvimentos históricos particulares envoltos em contextos sociais, econômicos, políticos, intelectuais e culturais específicos, voltando às personalidades e práticas dessa época várias vezes, somente pode ser

¹⁴ THOMPSON, *education and experience*. p. 1, 22-23; THOMPSON, *The poverty of theory*, p.235; Letter to Kolakowski. p. 112; THOMPSON, *The making of the English working class*. New York: Vintage, 1963. esp. p. 10-12. Rico, mas difícil ensaio de Thompson, apareceu *Caudwell*, pela primeira vez em SAVILLE, John; MILIBAND, Ralph. (Ed.). *Socialist register*, 1977. London: Merlin, 1977. p. 228-276, reimpresso In: THOMPSON, E. P. *Persons & Polemics: Historical Essays*. London: Merlin, 1994. p. 78-140.

¹⁵ THOMPSON, Letter to Kolakowski, 1978, p. 186. Para mais sobre Thompson, objeções/oposições consulte PALMER, Bryan D. *E. P. Thompson: Objections and Oppositions*. London: Verso, 1994; e MERRILL, Michael. E.P. Thompson: in solidarity. *Radical History Review*, 58, p. 152-156, Winter 1994.

compreendida se levarmos em consideração que as três partes do livro são de fato argumentos expostos com diferentes propósitos e inspirados por níveis bem diferentes de discordância. Tradições específicas, tanto na experiência vivida do passado quanto na sua interpretação, são colocadas em evidência, exploradas ou exorcizadas. Para Thompson, escrever a história exige compromisso, em geral, porque seu significado inevitavelmente nos apresenta a exigência de se ler o passado de forma que, se quisermos traduzir alguma parte do que aconteceu para nosso presente, decisivamente precisaremos pensar nas formas e nos sentimentos complicadores e repudiantes de atores e analistas. Fazer isso implica argumentação.

O argumento mais sutil é apresentado na Parte I, “A árvore da liberdade”, onde Thompson poderia muito bem estar tentando chamar seus leitores do Programa de Educação para Jovens e Adultos (foi para eles, ao invés de para acadêmicos, que *A formação* foi escrita) para uma área com a qual eles estavam familiarizados, tradições caseiras, convencionais e complicadas da classe operária inglesa, o melhor jeito para revolucionar aqueles com inclinações militares.

Thompson, portanto, coloca leituras inovadoras de ideias dissidentes e ações associadas a Norman Yoke, como “A árvore da liberdade”, as sociedades da reforma, Tom Paine, e *O progresso do peregrino* ao lado da incômoda realidade da *Fortaleza de Satanás*, plebes, da Igreja e de reis, e as limitações e contradições do constitucionalismo. Familiaridades com o relato do século XVII de John Bunyan sobre a peregrinação cristã, com as interpretações de inocência e experiência de William Blake, talvez ainda com as origens do movimento trabalhista conforme foram filtradas pela veneração de um auxílio mútuo elaborado por Sidney e Beatrice Webb, poderiam ser consideradas como parte da estrutura da cultura autodidata em que Thompson entrou nas décadas de 1940 e 1950, quando encontrava com os alunos da classe trabalhadora em suas aulas noturnas em Yorkshire.

Se Thompson elaborou as correntes radicais e os turbilhões de oposições que sustentaram Bunyan nos séculos XVIII e XIX,

quando eles seguiam o pensamento de Paine, Cobbett e Owen, a Parte I de *A formação*, que tratava da tradição de *A árvore da Liberdade*, plantada pelo “inglês livre de nascimento”, segue a confluência desses pensamentos, uma vez que se torna mais robusta em suas inclinações revolucionárias. Para os alunos do Programa de Educação de Jovens e Adultos de Thompson, essa virada para a esquerda precisava ser salientada, porque a assimilação dessas tradições anteriores tinha frequentemente caído em complacência, um estrangulamento de “desradicalização” sendo evidente no entendimento banal da “marcha para frente” de um movimento operário cada vez mais reduzido, ao longo do século XX, nas rotinas do economicismo dos sindicatos ou da “fetichização” da reforma da via parlamentar legal para a mudança.

Thompson não poderia, assim, se dar ao luxo de ser unilateral na adoção de diversas tradições fundamentais na origem do movimento da classe operária inglesa. Ele precisava argumentar contra eles, em suas limitações, complexidades obscuras e aparentemente perdidas, o melhor para recuperar seu potencial. Assim, a Parte I de *A formação* é uma reformulação com nuances, uma apreciação multifacetada do tom e temperamento de uma política da classe operária nascente, forjada nas sombras dos primeiros “moinhos negros satânicos” do capitalismo industrial.

Por mais que ele estivesse ciente da longa tradição em fomentar a oposição da classe trabalhadora à Divergência religiosa, Thompson, então, recusou-se a simplesmente ignorar a outra face, virada como estava aos consolos quietistas, com sua capacidade de enervar o radicalismo e esgotá-lo de seu nervo opositor. Ele insistiu em levar a tarefa ao “emocionalismo inexperiente” e o pior é que impediu o impulso democrático contra o autoritarismo. Se Thompson foi capaz de ver que a rebeldia metodista poderia ser marcada pelo tipo de seriedade e vigor moral de preocupação social fundamental para a causa da classe operária, ele também reconheceu que onde o metodismo triunfou como uma igreja estabelecida, ele cultivava um tom de timidez e resignação, que como um reformador declarou em 1794, defendeu “uma moderação desmedida” e foi útil aos inimigos ferrenhos dos

“direitos do povo”.¹⁶

Thompson também trouxe para a mistura política o melhor para equilibrar as balanças de entendimentos políticos da reforma/revolução, o Pandemônio anárquico de Belzebu, no qual “a plebe do mendigo ocioso e intoxicado” pode com seus gritos, dar um rumo tumultuoso aos reis malditos, governos e juízes, direcionado por “valores brechtianos”. O constitucionalismo, com o reverenciado Francis Place acrescentando uma homenagem liberal a ele, como “o tio Tom do homem branco”, estava, para Thompson, sempre lutando contra um “paradoxo dialético”, em que sua retórica estava contribuindo quer para sua destruição, quer para a transcendência. O radicalismo foi levado às fronteiras do socialismo com figuras como John Thelwall, rejeitando a política de reforma do lugar por gradualismo educacional. Os teóricos da esquerda revolucionária, dentro da sociedade correspondente de Londres, estavam abertos a uma política para além do constitucionalismo, na qual “a imprensa secreta, o folheto anônimo, o pavimento sujo de carvão, o clube de taverna, talvez o motim da comida” figuraram, vigorosamente para Thompson *como* um antídoto contra a respeitabilidade repressora do comitê ordenado e suas regularidades rotineiras. Houve, por exemplo, o caso de Thomas Spence, cuja extensão dos argumentos de Paine contra a aristocracia hereditária levou-o a pedir a abolição da propriedade privada da terra. Quando levado perante os magistrados, Spence se descreveu como “defensor não remunerado da semente desertada de Adão”.¹⁷ Em outras palavras, era um defensor dos direitos da classe operária, o qual não exigiu recompensa por seu trabalho.

Isso nos leva à Parte II, “A maldição de Adão”. Nessa seção, os argumentos de Thompson são mais triviais, igualmente polêmicos e transparentes. Apresentarei alguns exemplos abaixo, mas, por ora, será suficiente notar que os argumentos nessa parte de *A formação* assumem um compromisso antagônico com apologistas

¹⁶ THOMPSON, op. cit., 1968, p. 57-58.

¹⁷ THOMPSON, op. cit., 1968, p. 58, 63, 75, 6, 170, 175-177.

conservadores facilmente reconhecíveis das disciplinas emergentes da exploração capitalista, sejam eles o Adam da economia política (Smith) ou o Adão do pecado original, com tiros e disparos vindos dos arcos dos acadêmicos conservadores, lançados para boa medida. De muitas maneiras, os sete capítulos de “A maldição de Adão” são os mais notoriamente polêmicos do livro, protestando contra a essência exploradora das relações de classe, detalhando as péssimas condições de trabalho e de vida em comunidade, atacando o metodismo Wesleyano como uma espécie de “terrorismo religioso” (o epíteto é emprestado do historiador do século XIX, Lecky)¹⁸ e, o mais notável, expondo ao ridículo a ciência pseudossocial dos historiadores que reuniram sua alegação especial na coletânea editada, *Capitalismo e os historiadores* (1954). Naquela que é certamente uma das mais revigorantes réplicas polêmicas da erudição moderna, Thompson reformula “o padrão de controvérsia viva”, em que tanta tinta foi derramada de forma partidária tão transparente, para que a base da discussão fosse mudada para sempre: após os argumentos de *A formação*, a evidência estatística teve que ser ordenada de modo que dependessem menos das “médias míticas” e que cuidassem mais das mudanças no curso de vida do que tinha sido a norma da pesquisa acadêmica.

Finalmente, na exploração da Parte III, “A presença da classe operária”, Thompson dirige seus argumentos contra as ortodoxias de esquerda, que no momento da escrita de *A formação* reinavam no Partido Comunista, de um lado, e, de outro estavam os posicionamentos, as concepções de fabianos e/ou as concepções social-democratas, como o Partido Trabalhista. Sua exploração da agência de classe (“presente na sua própria criação”)¹⁹ inclinou-se decisivamente contra o determinismo econômico de uma espécie de marxismo vulgar que Thompson associou ao stalinismo e seus defensores britânicos, bem como ele entendeu a inadequação de ver a luta de classes apenas pelo prisma de um caminho

¹⁸ Ibidem, p. 415.

¹⁹ THOMPSON, op. cit., 1968, p.9.

governamental bem planejado para a reforma. Cada uma dessas correntes, em seus próprios aspectos, era uma espécie de imagem de espelho da economia política ortodoxa. Nessas estruturas interpretativas famosas, o processo de formação de classes foi reduzido a uma equação em que enclausuramentos + tecnologia a vapor = o proletariado, ou preso por um eleitoralismo silenciado que não tinha apoio de uma população plebéia deixada de fora das instituições políticas formais nos anos de 1780 a 1830.

Insistir em ver a classe em sua identidade cultural, bem como suas dimensões econômicas ou dimensões políticas/ organizacionais convencionais, compensando o desequilíbrio intelectual de determinação estrutural com a devida consideração da ação ativa humana, Thompson se libertou daquela posição intelectual. Ele era livre para explorar as tradições rudes de ação direta que ele localizava na “sociedade sombria” do início da resistência ao capitalismo industrial. Lá, ele encontrou coletividades clandestinas, convulsões insurrecionais e mobilizações subterrâneas, iniciativas de grande importância que, no entanto, haviam sido ofuscadas, distorcidas, evitadas e mal interpretadas por todos os tipos de historiadores (incluindo aqueles com inclinações à esquerda) e defensores do movimento operário.

É somente quando todos esses três complexos níveis de argumentação – com o autoconceito da classe operária contra a tradicional economia política capitalista e os clérigos contemporâneos maleáveis ou, mais tarde, acadêmicos conservadores que a abraçaram de forma acrítica, e entre aqueles de esquerda capazes de filtrar o processo de formação de classes e resistência através de suas finas peneiras analíticas – são reunidos de um modo inimaginável em *A formação*.

Uma vez que essas complexas camadas de argumento que ordenam o livro de Thompson são apreciadas, temos uma explicação do porquê Thompson organizou o livro da maneira como fez, o que é, à primeira reflexão, dramaticamente idiossincrática, muito fora da norma convencional evidente na escrita acadêmica.

Thompson confessou no prefácio do livro: “Eu estive

consciente, às vezes, para escrever contra o peso de ortodoxias dominantes”; e sua confissão é no mínimo discreta.²⁰ O argumento foi, assim, algo central. Raro era um texto de Thompson (seja correspondência privada, pequena revisão, intervenção jornalística ou grandes monografias) que fosse desprovido de crítica intransigente afiada, muito do que se transformou na premissa inegociável de que pessoas ditas subordinadas não são mais subordinadas em páginas que reconstroem suas histórias.

Ao explorar o mundo perdido dos trabalhadores do início do século XIX, Thompson disse aos leitores que o ofício e a tradição poderiam estar morrendo, as hostilidades ao novo capitalismo industrial estavam, sem dúvida, olhando para o passado, mobilizações insurrecionais tinham sobre eles muitos pensamentos equivocados e imprudentes e as ideias comunitárias, oscilando sobre vários enclaves de formação de classes, poderiam agora ser consideradas pouco mais que fantasias utópicas. No entanto, aqueles que viveram nos tempos em que tais perspectivas e ações constituíam uma parte da experiência de opressão, exploração e resistência mereciam ser situados em seu contexto de perturbação e deslocamento social. Eles não deveriam ser julgados como se suas falhas fossem inevitáveis simplesmente porque eles não vieram do topo. Ao encontrar a falha com histórias em que, “[o]s becos sem saída, as causas perdidas e os perdedores em si são esquecidos”, Thompson expôs a centralidade de contingência no processo histórico, lembrando-nos de que os desequilíbrios das relações de poder devem ser apreciados como resultados influenciadores, registrando o ponto básico de que os aparentes finais da história eram raros, se alguma vez inevitáveis, e que as reversões estavam potencialmente sempre na formação.

Ele também explorou as nuances da experiência vivida por aqueles que não tiveram sucesso e que o fizeram com uma sensibilidade sem precedentes e uma visão rica adquirida, em parte, das aulas ministradas de Educação de Adultos.

O que Thompson assim ensinou foi que a vida cotidiana das

²⁰ THOMPSON, op. cit., 1968, p.12.

pessoas que frequentemente lutaram para sobreviver e, às vezes, para transformar sua ordem social, nunca deve ser reduzida em um privilégio irreflexivo de “preocupações subsequentes”.²¹

Isso não poderia ser feito sem a paixão pela polêmica. Uma leitura atenta dos textos de Thompson, e mais especificamente de *A formação*, revela que se seus oponentes designados têm sido muitos e variados, sua indignação com reflexões superficiais sobre temas que ele considerava necessários e merecedores de um comprometimento mais sustentado, ou até empático, produzia passagens em prosas cheias de grandes ideias. Em suas várias recusas, sejam elas da escola otimista que dispensou a tragédia e os imperativos alienantes da Revolução Industrial na Inglaterra, com um cálculo satisfatório do aumento da ingestão calórica ao longo da década de 1840, ou do trimestre constitucionista do movimento sindical, emergente, que justificou suas concessões ao triunfalismo capitalista com uma presunçosa destituição social-democrata de saqueadores noturnos e disjuntores de máquinas, Thompson havia reconstruído o sentido do passado da classe trabalhadora com um brio inegável. Quem poderia esquecer o relato de Thompson sobre a participação “média” do homem trabalhador nos “benefícios do progresso econômico”. Esse tipo de leitura da “escola otimista” sobre a benevolência da Revolução Industrial foi levada em consideração na hipérbole thompsoniana: “mais batatas, alguns artigos de roupas de algodão para sua família, sabão e velas, um pouco de chá e açúcar, e muitos artigos na *Economic History Review*”.

Igualmente memorável foi a refutação de Thompson àqueles historiadores econômicos conservadores, como R. M. Hartwell, cujo julgamento sobre o trabalho infantil e o industrialismo inicial foi deformado por um relativismo equivocado. “Hartwell, escrevendo em 1959, insistiu que os leitores modernos, ‘bem disciplinados pela familiaridade com os campos de concentração’, foram ‘relativamente indiferentes’ a contos excessivamente sentimentais sobre como as crianças eram atreladas à idade da máquina no

²¹ THOMPSON, op. cit., 1968, p.12-13.

início dos anos 1800”. A réplica de Thompson foi áspera e sua ofensa registrou-se com uma recusa negligente: “podemos estar autorizados a reafirmar uma visão mais tradicional: a de que a exploração de crianças, nessa escala e nessa intensidade, foi um dos acontecimentos mais vergonhosos da nossa história”. Thompson não estava rejeitando apenas a ala direita. Ele apontou também para moderados de esquerda, fossem eles atores ou comentaristas posteriores:

Vários dos historiadores pioneiros no estudo deste período (os Hammonds, os Webb, e Graham Wallas) eram homens e mulheres de persuasão Fabiana, que olharam para trás, para o “início da história do movimento operário, à luz dos Atos de Reforma subsequentes, e o crescimento do TUC e do Partido Trabalhista. Uma vez que os ludistas e os revolucionários dos alimentos não apareceram como “precursores” satisfatórios do movimento operário, eles não mereciam simpatia nem atenção. Essa tendência foi complementada, a partir de outra direção, pelo viés mais conservador da tradição acadêmica ortodoxa. Assim, a “história” tem lidado de forma justa com os mártires de Tolpuddle e inteiramente com Francis Place, mas as centenas de homens e mulheres executados ou transportados para juramento pela conspiração jacobina e pelo ludismo, os levantes de Pentridge e Grange Moor, revoltas da alimentação, abrigo e pedágios nas estradas, revoltas de Ely, a Revolta dos Trabalhadores de 1830, e inúmeros tumultos menores, foram esquecidos por todos, exceto por alguns especialistas, ou, se eles são lembrados, são considerados ingênuos ou homens contaminados por uma tolice criminosa”²².

Está claro que Thompson refutava ter intercâmbio com qualquer comentarista histórico, cujas sensibilidades foram indevidamente influenciadas pelo sucesso.

²² THOMPSON, op. cit., 1968, p.351, 384, 318, 349, 647-648.

Comentários & Crítica

Essa sensibilidade, nascida de uma apreciação do paradoxo, uma inclinação para a polêmica e uma insistência de que a história não pode ser escrita apenas com base em resultados vitoriosos, foi particularmente evidente na revisão do livro de Thompson. Como ele analisou os trabalhos de historiadores, sociólogos, antropólogos e outros que escreveram sobre assuntos incongruentes que cruzaram com suas preocupações, revelou-se o estímulo criativo dessa dialética de diálogos testada e testadora, em que as interpretações são constantemente interrogadas.²³

Recusas de Thompson em restringir sua voz aos limites bem-educados do “discurso acadêmico”, que se faz dentro de uma cultura de acordo consensual para discordar— mas nunca com

²³ No corpus de publicações de Thompson, revisões e ensaios de revisão, raramente registram de modo decisivo no comentário crítico. Mas eles são uma janela de importância sugestiva considerável em sua análise de lutas com diferentes abordagens/entendimentos e um corpo de trabalho que, por diversas razões, ilumina suas recusas de convenções acadêmicas, bem como proporciona exemplos inigualáveis da singularidade de seu tom. Entre essas análises e ensaios de revisão que merecem um exame detalhado e que revelam a diversidade e a riqueza das formas de Thompson de se engajar com uma variedade de escritos, estão: God and king and law. *New Reasoner*, 3, Winter, 1957-1958, p. 69-86; The long revolution, I. *New Left Review*, 9, maio/jun., 1961, p. 24-33; The long revolution, II. *New Left Review*, 10, jul./ago., 1961, p. 34-39; The book of numbers. *Times Literary Supplement*, 9, dez., 1965, p. 1117-1118; History from below. *Times Literary Supplement*, 7, abr., 1966, p. 280; Law as part of a culture. *Times Literary Supplement*, 24, abr., 1969, p. 425-427; Man bites Yeoman. *Times Literary Supplement*, 11 December, 1969, 1413-1416; Glandular aggression. *New Society*, 19, jan., 1967, p. 100-101; Land of our fathers. *Times Literary Supplement*, 16, fev., 1967, p. 117-118; Anthropology and the discipline of historical context. *Midland History*, 1, Spring, 1972, p. 41-55; Under the same roof. *Times Literary Supplement*, 4, maio, 1973, p. 485-487; Testing class struggle. *Times Higher Education Supplement*, 8, mar., 1974; Folklore, anthropology, and social history. *Indian Historical Review*, 3, 1978, p. 247-266; Happy families. *New Society*, 8, set., 1977, p. 499-501; The very type of the respectable artisan. *New Society*, 3, maio, 1979, p. 275-277; English daughter. *New Society*, 3, mar., 1977, p. 455-458; Review of English hunger and industrial disorders. *Economic History Review*, 27, 1974, p. 480-484. Alguns, mas, de forma nenhuma, a maioria dessas revisões está reunidas em *Persons & Polemics*, de Thompson.

veemência, zombaria ou farpas— de uma política de classe ou de condescendência política, marcam de modo particular as incursões do autor em certas “críticas”. Em nenhum outro lugar, talvez, isso foi revelado mais significativamente do que em uma longa, raramente citada revisão de Thompson sobre um trabalho sociológico sobre a religião entre a mão de obra. Thompson examinou a obra de Robert Moore, *Pit-Men pregadores e política: os efeitos do metodismo em uma comunidade mineira de Durham*, com reconhecimento da importância do texto e suas diferenças com seus próprios entendimentos. Ele utilizou a revisão para oferecer considerações sobre a forma com a qual as disciplinas de história e sociologia podem convergir e como elas necessariamente se separam uma da outra em conjunturas específicas. Entusiasmado pelo estudo, mas também constantemente irritado com seus previsíveis “pontos cegos”, Thompson foi muitas vezes generoso em suas avaliações imparciais. Mas ele não podia contornar o que havia sido perdido no relato de Moore, que abstraía as tensões que animavam as camadas de caráter cultural, historicamente incorporado de presente na classe operária das minas de carvão britânicas a partir do material humano sobre o qual agiu o metodismo.

Thompson se baseou em seu próprio conhecimento íntimo desses “tipos ideais” para formar uma noção das formas como a reconstrução do processo histórico de Moore perdeu o antagonismo em direção à autoimagem metodista aprovada, que, muitas vezes, viera à tona em uma “réplica suprimida por muito tempo” da oblíqua, mas inconfundível, rejeição. Para ilustrar esse ponto, Thompson construiu uma tipologia de “personagens” do campo de carvão: “o pregador Metodista leigo oficioso, com autorrespeito e que colabora com a classe pregadora; o blasfemador irreverente, com seu eleitorado [não na capela, mas no bar], e o observador, consciente de sua classe, secularista autodisciplinado (às vezes, marxista), suprimindo seu próprio desgosto com a religião no interesse de uma solidariedade maior. “Ele falou de um informante, situado na última categoria, que lhe transmitiu a história de um jantar anual do executivo do sindicato britânico dos mineiros”. O presidente da organização do trabalho,

um metodista devoto e igualmente anticomunista dedicado, aproveitou a oportunidade, como era costume, para dar graças antes da refeição. Normalmente, isso era feito com brevidade apreciada, mas, nesse encontro, o devoto funcionário aproveitou a situação, proporcionando uma bênção “autosatisfatória, divina, oficiosa e excessivamente longa”. Após o término dessa homilia (discurso) tediosa, “um guerreiro veterano da classe” que “não respeitava as pessoas”, que caía, em parte, ao que parece, no campo dos blasfemos moradores da taberna de Thompson, proclamou com alta solenidade: “Uma porra, e amém, e assim seja!” O interlocutor de Thompson, um sindicalista responsável, que viveu boa parte da vida em repúdio a esse tipo de alienação mal-educada dos próprios colegas de trabalho, balançou a cabeça com tristeza: “Ele não devia ter feito isso, sabe, mas foi isso o que ele disse: “Uma porra, e amém, e assim seja!”.²⁴ Thompson conseguiu pegar o brilho nos olhos do narrador. Suas palavras foram de reprovação, mas dentro de seu senso de decoro, ele vinha desfrutando a irreverente humilhação, uma queda da autoridade inflada na cabeceira da mesa.

O ponto de Thompson não era pequeno. Foi, parafraseando James C. Scott, um antropólogo radical que assimilou muito do significado teórico dos escritos de Thompson, um estímulo para reconhecer que “as armas dos fracos” muitas vezes envolvem zombarias rudes, irreverentes ou ousados. Esse tipo de declaração, pontuada por risadas, pode entrar em erupção intencionalmente e com impacto desestabilizador, nas circunstâncias em que o poder levanta sua cabeça aparentemente hegemônica, à espera de ser recebido pela devida deferência:

O livro do Dr. Moore não tem o completo controle dessa risada. A risada *é importante*, como fenômeno social: é um tipo de crítica, uma espécie de autodefesa. A defesa pode se estender também para a periferia da própria organização não

²⁴ THOMPSON, E. P. On history, sociology and historical relevance, *British Journal of Sociology*, 27, set., 1976, p. 387-402 com ênfase no bloco de citação acrescentado.

conformista. Dr. Moore saberá que a influência do Metodismo em sua comunidade deve se estender bem além do número real de adeptos. Nós podemos permitir isso, desde que ele também permita o oposto: o distanciamento, o agnosticismo, o tédio, as defesas de humor, a autocrítica— tudo isso penetrará nos próprios adeptos metodistas. *As pessoas estão mais paradoxais em seu comportamento do que as tipologias permitem.*²⁵

Quando Thompson viu tão pouco dessa dialética da dúvida no relato de Moore, ele ficou impaciente, irritado. Ele fechou sua revisão com a afirmação de que, ao virar as páginas desta consideração sobre o metodismo e os *Pit-men* de Durham, ele também muitas vezes pegou-se proferindo: “E uma porra, e amém, e assim seja!”. Isso foi, em sua mundaneidade, uma conclusão essencialmente thompsoniana, uma separação irreverente de sua aprendizagem da de seus colegas “educados”.²⁶

Recusando a Assimilação: em uma Escola de Constrangimento

De fato, os argumentos de Thompson em *A formação* e em qualquer outro lugar muitas vezes eram um repúdio instintivo de sabedorias recebidas, até mesmo normas de comportamento, incluindo as provenientes de instituições acadêmicas. À influência conservadora de tradição acadêmica que Thompson tão claramente rejeitou, era dado o equivalente político de uma crítica áspera de sua contribuição para uma crítica à universidade de administração, *Warwick University Ltd.*: diversos protestos estudantis em uma “nova universidade”, localizada no oeste industrial de Midlands, onde Thompson lecionou durante a década de 1960. Essa coleção foi produzida no rescaldo do radicalismo dos jovens que explodiram em campi na Inglaterra, Europa, América do Norte e em outros lugares. Thompson não estava necessariamente impressionado

²⁵ Veja também SCOTT, James C. *Weapons of the Weak: Everyday Forms of Peasant Resistance*. New Haven: Yale University Press, 1985.

²⁶ E. P. Thompson, op. cit., 1985. p. 387-402

com a grande importância do que passou com a agitação política nessa época. No entanto, ele achou a pompa, o cuidado instintivo, e a inclinação a recuar da discussão e da controvérsia de muitos colegas em universidades ainda mais difíceis para o estômago. Das espécies que ele nomeou *academici superciliosi* (acadêmicos supersticiosos), Thompson teve algo bom a dizer. Como regra geral, esse grupo contribuiu com quase nada para os argumentos que Thompson considerou necessários para um ambiente intelectual saudável, e muito menos para uma política de esquerda. Mostrada “a última trincheira para a defesa da liberdade”, Thompson criticou que esses tipos “andariam para trás no mar”, queixando-se de que a vala está muito mal cavada, e que não podem pedir que eles a defendam ao lado de um conjunto de companheiros de aparência tão esfarrapada e rebelde, e, em todo caso, certamente seria melhor escrever um protesto diplomático e apresentá-lo em um volume ao inimigo. “Vivendo em temor de decoro”, essa espécie encorajou “uma atmosfera de lealdade institucional”, que defraudou os alunos” de algumas das dialéticas intelectuais essenciais a partir da qual suas próprias orientações devem ser trabalhadas”.²⁷

Para Thompson, o argumento dialeticamente desenhado e a vontade de praticá-lo e levá-lo até seus limites, e mesmo a ação nessa base, ainda que grosseiramente (na verdade, ele aplaudia quando esse mau comportamento dirigia-se a bairros específicos), era a força que movia a teoria e a prática, tanto de interpretação quanto de investigação. Foi isso que garantiu que os diálogos e dissidências necessários para a sociedade humana e seu avanço pudessem ser preservados e ampliados.²⁸ Era uma contrariação comprometida que Thompson acreditava ser profunda e absolutamente necessária para ter uma proteção implacável contra a miríade de forças que leva uma pessoa à

²⁷ THOMPSON, E. P. *Warwick University Ltd.* Harmondsworth: Penguin, 1970. p. 153-154.

²⁸ Veja THOMPSON, E. P. The Segregation of Dissent, *The New University*, 6, 6, maio, 1961, p. 13-17; THOMPSON, E. P. ; SAVILLE, J. (Ed.). *The Reasoner*, 1, jul., 1956, p. 1.

“cultura infinitamente assimilativa”.²⁹

Thompson não poderia, portanto, continuar enfatizando o quão imperativo era se esforçar “em cada volta de seu pensamento a resistir à suposição do que se observa e do que é o próprio curso da natureza”. Ele não podia perdoar nem esquecer aqueles que tinham lutado para refazer o mundo, se eles tivessem se afastado em direção à indiferença, ou pior, apostasia, um processo de repúdio que ele escreveu historicamente com relação à década de 1790 e 1930.³⁰

“Em cada ponto, o caminho para sair da apatia tira-nos das convenções a que se limita a vida”, declarou Thompson na linha de abertura em seu ensaio de 1960, *Revolution*. Esse axioma (doutrina) foi traduzido em uma pedagogia peculiar *thompsoniana*, não só dos reprimidos, mas dos rebeldes, para quem acomodações não argumentativas foram uma das toxinas políticas mais mortais. “Deve-se fazer a sensibilidade virar calos—os joelhos e os cotovelos de suscetibilidade e recusa—se a pessoa não for pressionada pela grade para a miscelânea universal das premissas recebidas da cultura intelectual”, concluiu Thompson.³¹

²⁹ Ibidem, 1978, p.183.

³⁰ THOMPSON, E. P. Disenchantment or Default?. In: O'BRIEN, Conor Cruise; VANECH, William Dean. (Ed.). *Power and Consciousness*. New York: New York University Press, 1969. p.149-182, reimpresso em Thompson, E.P. *The Romantics: England in a Revolutionary Age*. New York: New Press, 1997. p. 107-155, que também contém reflexões de Thompson sobre Coleridge, reunindo uma série de revisões de obras editadas e bolsas de Coleridge. Em contraste com Thelwall, que recusou em abdicar de suas posições jacobinas da década de 1790 que Thompson obviamente admirava, Coleridge foi um caso mais triste de apostasia, para quem Thompson passou um juízo particular: “A impotência de seu próprio autoisolamento” era “uma desculpa para uma reconciliação com o status quo. (p. 131). Contraste especialmente com esse comentário Coleridge amplo da apreciação de Thompson em relação a Thelwall em Hunting the Jacobin Fox, *Past & Present*, 142, fev., 1994, p. 94-140. Reimpresso em *The Romantics*, p. 156-217. Para a década de 1930, ver, Outside the Whale. In: *The Poverty of Theory & Other Essays*. p. 211-244, que é discutido com profundidade em HAMILTON, Scott. *The Crisis of Theory: E.P. Thompson, the New Left, and post-war British politics*. Manchester: Manchester University Press, 2011.

³¹ THOMPSON, E. P. Letter to Kolawkowski. *Poverty of Theory*, p. 183-184. Ver também HILL, Christopher. *From the Awkward School*, Guardian, 30, ago. 1993;

Essa perspectiva coloriu tudo o que Thompson escreveu como historiador, assim como orquestrou seu sentido da política. Em nenhum lugar isso é mais evidente do que no manifesto *May Day*, de 1968, um documento no qual Thompson colaborou com Raymond Williams, Terry Eagleton, Stuart Hall, e outros. Não surpreendentemente, o prefácio do manifesto definiu o objetivo da intervenção como um desafio público: “não só esperamos a oposição, mas a exigimos – esse é um argumento, mesmo a céu aberto, que foi adiado por muito tempo, e que agora deve ocorrer, com o máximo possível de pessoas participando”. E seu ponto de partida foi um paradoxo evidente na experiência vivida pela Grã-Bretanha contemporânea, em que a pobreza e outros males sociais foram galopantes e resolúveis, a riqueza e o bem-estar tinham avançado e governos do Partido Trabalhista haviam sido alcançados ao mesmo tempo em que as desigualdades da sociedade civil continuaram.³²

Além do Reduccionismo

Thompson se encontrou diversas vezes em sua escola perene de constrangimento, muitas vezes sozinho em um canto, refletindo sobre como ele poderia ser mandado para casa por seu mau comportamento em sala de aula. Qual sentido, além de uma tendência pessoal de ser difícil, podemos tirar dessa sensibilidade? Isso é fundamental, em minha opinião, na tentativa de se compreender Thompson. Muita tinta tem sido derramada para localizar Thompson em algum esquema classificatório. Muitas vezes, aqueles que fazem essa classificação tiveram seu projeto social construtivista firmemente inserido em polêmicas de um determinado período. Assim, Perry Anderson uma vez situou Thompson em uma “tradição impressionista

THOMPSON, E. P. *Revolution*. In: THOMPSON, E. P. (Ed.). *Out of Apathy*. London: New Left Books, 1960. p. 287.

³² WILLIAMS, Raymond. (Ed.). *Manifesto May Day, 1968*. Harmondsworth, Inglaterra: Penguin, 1968, esp. p. 11, 18.

inspiradora” que, em seu caso particular, ocupou um terreno exclusivo entre a escrita da “história brilhante e criativa” e “uma análise política vazia”.³³ Richard Johnson e seus aliados em estudos culturais em Birmingham concebiam Thompson como um “culturalista”, um termo pejorativo que teve sua importância ao colocar Thompson em apuros em um debate agora infame da *Oficina de História* sobre althusserianismo, história e a esquerda na Igreja St. Paul de Oxford.³⁴ Segundo a maioria dos relatos, Thompson levou sua tendência comportamental de ser difícil a novas alturas, participando de “críticas ofensivas e dolorosas”, o processo tomando o caráter de, nas palavras de Raphael Samuel, “um combate de gladiadores”³⁵. De fato, esse momento althusseriano parece estar emergindo como criticamente importante na definição, para comentaristas como Scott Hamilton, de um rio de fogo thompsoniano que distingue um Thompson comprometido com uma história politicamente transformadora de um Thompson de alguma forma menos

³³ ANDERSON, Perry. Socialism and Pseudo-Empiricism: The myths of Edward Thompson. *New Left Review*, 35, jan./fev., 1966. 39 anos de um severo julgamento em ANDERSON, Perry. *Arguments Within English Marxism*. Londres: Verso, 1980. Que concluiu, no entanto, em termos que mais uma vez acentuaram um abismo em Thompson entre o inspirado e a programação. Anderson sugeriu escritos políticos de Thompson da década de 1970, para os quais ver a coleção de ensaios, Thompson, E. P. *Writing by Candlelight*. Londres: Merlin, 1980, não “constituía um intermediário ou um programa no longo prazo dos objetivos para um movimento socialista”. Sua escrita histórica foi descrita como “incomparável”, mas “assombrada pelas conjunturas políticas ou intelectuais que falharam em ocorrer”. p. 204, 206.

³⁴ JOHNSON, Richard. Edward Thompson, Eugene Genovese, and Socialist-Humanist History. *History Workshop*, 6, Autumn 1978, p. 79-100; CLARKE, John Chas Critcher; JOHNSON, Richard (Ed.). *Working Class Culture: Studies in History and Theory*. London: Hutchinson, 1979.

³⁵ A visão sucinta aparece em DWORKIN, Dennis. *Cultural Marxism in Postwar Britain: History, the New Left, and the Origins of Cultural Studies*. Durham, NC: Duke University Press, 1997. p. 232-245, o qual não é particularmente simpático para com Thompson. Veja também as breves declarações publicadas do *People's History and Socialist Theory* debate, bem como uma introdução editorial em SAMUEL, Raphael. (Ed.). *História Popular e Teoria Socialista*. Londres: Routledge e Kegan Paul, 1981. p. 379-408.

preocupado com a relação entre o passado e presente, e mais animado com passeios profissionais em um distante século XVIII. Thompson teria rejeitado a leitura de Hamilton, alegando que não havia uma unidade fundamental de suas obras históricas, desde o estudo de William Morris em meados da década de 1950, para o posterior *A formação da classe operária inglesa*, publicado em 1963, para o surgimento muito adiado de *Costumes em comum*, em 1993, momento em que Thompson estava próximo de sua morte. Em toda a escrita, Thompson estava reabilitando “categorias perdidas e um vocabulário perdido na tradição marxista”, esforçando-se para preencher um vazio na empreitada do próprio Marx, trazendo de volta à vida as “suposições desarticuladas e mediações não realizadas” dos plebeus e do povo trabalhador. “Estou examinando a dialética de interação, a dialética entre ‘economia’ e ‘valores’”, Thompson explicou em 1976, acrescentando: “Essa preocupação está em todo o meu trabalho, histórico e político”.³⁶

³⁶ Veja HAMILTON. *The Crisis of Theory*. E, para desafiar esse argumento MERRILL, Mike. Interview with E. P. Thompson. In: MARHO. *The Radical Historians Organization*. (Ed.) *Visions of History*. Nova York: Pantheon, 1983. p. 21, republicado neste número especial da *História & Perspectivas*. Thompson reconheceu que tinha sido forçado, através das maneiras em que o surgimento da classe operária inglesa foi criticamente recebido em certos círculos acadêmicos, a ser mais inibido em termos de se escrever histórias que sustentassem o escrutínio por historiadores profissionais, mas que claramente manteve por escrito sobre uma história mais distante de nossos tempos, antes de 1800. Ele, no entanto, estava sempre preocupado com a relação do passado com o nosso presente: “quando eu estou olhando para uma pergunta como disciplina de trabalho, ou como ritual popular no século XVIII, não levarei a ela todo um conjunto de atitudes sem originalidade. Eu o estou segurando à distância para tentar examiná-lo em seus próprios termos e dentro de seu próprio conjunto de relações. Mas ao fazer isso, então, se alguém desejar, poderá fazer um comentário. Porque alguém pode querer avaliar o significado desse processo para nós. O significado não está aí, no processo; o significado é o que fazemos do processo”. Como Thompson depois deixaria claro em *Costumes em comum*, seus estudos do século XVIII trouxeram alívio em uma reconsideração das necessidades humanas, dos comuns e da crise ecológica (p.14-15).

Provincialismo Thompsoniano: Geografias Metafóricas do Constrangimento

Sem dúvida, a mais impressionante e estimulante das últimas tentativas de Thompson em estabelecer um significado para uma análise específica é a recusa de Wade Matthews das afirmações regulares de que Thompson era, parafraseando o obituário de W. L. Webb, “um dissidente completamente inglês”. Como seus maiores “bodes expiatórios”, essa classificação, originária da crítica de Anderson-Nairn de meados dos anos 1960, empalou Thompson em uma tradição de “nacionalismo messiânico”, demasiadamente inglês em sua aversão à teoria; rápido para reduzir as dificuldades da iniciativa socialista a uma fé populista na capacidade “do povo britânico” em perceber seu destino transformador, e propenso a aumentar as “tradições inglesas vivas” em afirmações autodelirantes e moralizantes de possibilidades dissidentes que não tinham qualquer relação com a realidade.³⁷ Hobsbawm ofereceu uma versão benigna, escrevendo em um obituário que a persona de Thompson foi a do “tradicional cavalheiro inglês (não britânico) da esquerda radical”: “Ele ampliou essa sugestão ao enfatizar a rejeição de Thompson à “vida metropolitana”. “As grandes cidades”, observou Hobsbawm quanto ao gosto de Thompson, “eram lugares para visitar e não para viver”.³⁸ Um homem das províncias com uma aversão ao que uma vez ele chamou de “metropolitomania intelectual”, Thompson estava convencido de que muito do que era de valor na história da dissidente oposição tinha saído de “regiões inferiores indistintas”, lugares como Yorkshire, que nutriram um “provincial esquecido” do socialismo inglês, Tom Maguire.³⁹

³⁷ ANDERSON, op. cit., 1966, p. 35-36; NAIRN, Tom. *The break-up of Britain: crisis and neo-nationalism*. London: New Left Books, 1977. p. 303-304.

³⁸ HOBSBAWM, Eric J. *Obituary*: E.P. Thompson. *The Independent*, 30, ago., 1993; *Ibidem*, Edward Palmer Thompson, 1924-1963. *Proceedings of the British Academy*, 90, 1996, p. 521-539.

³⁹ THOMPSON, E. P. The Peculiarities of the English. In: MILIBAND, Ralph;

Como mostra Matthews, no entanto, Thompson dificilmente poderia se limitar a qualquer tipo de provincianismo inglês, uma leitura positiva, entretanto, pode oferecer esse espaço físico e intelectual. De fato, Thompson, que apreciou a ironia e as contradições no núcleo da dialética, abraçou uma espécie de provincianismo profundamente internacionalista. Em nenhum lugar isso aparece com mais força do que na apreciação de Thompson de outros provinciais, particularmente dois dissidentes americanos, o imortal proeminente sociológico, C. Wright Mills, e o poeta criminal da Dakota do Norte, Tom McGrath. Sobre a obra deste autor, Thompson escreveu: “É verdade que é dada à *política* de McGrath uma localização americana muito distinta; ela não é a extrapolação de algumas prescrições cosmopolitas teorizadas, mas é interpretada através de sua grade poética de referência que, se não for universal, é tão universal quanto sua seleção de valores poéticos o permitem”. “Toda parte” de Dakota do Norte de McGrath representa, de acordo com Thompson, algo completamente diferente da “entidade complacente e autoimportante”, uma higienizada “condição humana”. Pelo contrário, é um lugar onde homens e mulheres trabalham; uma terra em que ocorrem o amor e a perda, pelos quais as relações com a natureza são forjadas nas aspirações frustradas para *communitas*, onde a exploração e a opressão figuram como forças sempre presentes.

Esse é um lugar em que é impossível—fora do brilho de neon da região metropolitana—ser cego diante da importância de uma “imbricação comum no nexa capitalista”.⁴⁰ Matthews fornece um diário de viagem brilhante de como o pensamento de Thompson foi formado em províncias como McGrath, na Dakota do Norte,

SAVILLE, John (Ed.). *The Socialist Register*, 1965. London: Merlin, 1965, p. 330, 332; THOMPSON, E. P. Homage to Tom Maguire. In: BRIGGS Asa; SAVILLE, John. (Ed.). *Essays in Labour History: In memory of G.D.H. Cole*, 25, set., 1889-14, jan., 1959, London: Macmillan, 1960. p. 315.

⁴⁰ THOMPSON, E. P. Homage to Thomas McGrath. In: GIBBONS, Reginald; DES PRES, Terrence (Ed.). *Thomas McGrath: Life an Poem*. *TriQuarterly*, 70, Fall, 1987, p. 158-192, esp. p. 133-134. Veja também, THOMPSON, E. P. Remembering C. Wright Mills. In: *The heavy dancers*. London: Merlin Press, 1985. p. 261-274.

na Índia de seu pai, na Iugoslávia de seu irmão, e no distrito de Iã de West Riding. O local de nascimento de muito do que Thompson valorizava estava apenas nessas periferias metafóricas sombrias e, como argumenta Matthews, os “feixes de raio” de suas polêmicas, a textura rica de suas histórias, demonstraram muito do imediatismo de suas intervenções políticas, que saíram de tais lugares. “O Internacionalismo Socialista, o ‘espírito da Europa’, a tradição do ‘inglês livre’ – cada um faz algum sentido em Thompson”, conclui Matthews, “mas somente se for lembrado que ele abordou todos os três com a estranheza”.⁴¹

O Constrangimento e a Dialética do Local Paradoxal

É esse constrangimento que é fundamental para a compreensão de Thompson e que produz o que é inegavelmente a dialética do paradoxo que derrota qualquer simples tentativa de situá-lo dentro de uma estrutura analítica singular. Pois, assim como Thompson era de fato um internacionalista, ele também era um radical inglês característico. Matthews talvez muito facilmente contorna a tensão, sempre trazendo as polêmicas e políticas de Thompson, talvez até mesmo suas histórias, em que o internacionalismo e o anglicismo (com suas alusões a “nossa gente”), com suas respectivas expressões idiomáticas, estão envolvidas em um cabo de guerra de fidelidade.⁴²

⁴¹ Esta seção beneficiou-se de uma leitura de MATTHEWS, Wade. E. P. Thompson in the Provinces. Capítulo 3 de um estudo que será publicado In: Historical Materialism Book Series. International of the Imagination: The New Left, National Identity, and the Break-up of Britain. Leiden: Brill, 2013. Agradeço Wade Matthews por disponibilizar esse estudo para mim, e eu aprendi bastante sobre E. P. Thompson a partir de conversas com Wade.

⁴² Thompson foi muito influenciado pelo internacionalismo evidenciado pelo sacrifício de Frank Thompson, durante a Segunda Guerra Mundial. O irmão de Frank Thompson foi executado pelos fascistas enquanto marchava com partisans búlgaros em maio de 1944. O internacionalismo de Frank Thompson é comemorado na coleção editada de cartas e poemas, exaltando o espírito antifascista que estava surgindo em toda a Europa, THOMPSON, T. J. ; THOMPSON, E.P. *There Is a Spirit in Europe: A memoir of Frank Thompson*. London: Victor Gollancz, 1947. Mas Frank tinha escrito para Edward alguns anos antes: “Para Palmer. Ansioso pelo momento em que vamos estar

Mesmo Thompson tendo provocado e evitado tantas acusações de que ele era muitas vezes surpreendido fora de sua profundidade teórica por conta de sua natureza empírica instintiva, não precisamos aceitar essa postura autodepreciativa para concordar que ele de fato localizava-se em certas tradições inconfundivelmente inglesas.⁴³ De seu encontro com Wordsworth, bem como D. H. Lawrence, Thompson foi atraído para as maneiras como a experiência de “pessoas comuns”, muitas vezes refletia “a própria vida, o calor”, e essa percepção animou seus estudos sobre a cultura popular do século XVIII, em que a música bruta, a venda de esposas, e a compreensão da economia moral repercutiram.⁴⁴ Não foi apenas a consideração com o qual ele defendeu William Blake e William Morris, mas a recusa de admitir que a cultura de classe que se consolidou nos campos do capitalismo inglês poderia ser declarada como algo inadequado. “É muito fácil dizer que esta cultura estava olhando para o passado ou era conservadora”, Thompson escreveu nas últimas páginas de *A formação*. Mas isso era insuficientemente consciente de sua “peculiar tenacidade e resiliência”, que veio à tona naquilo que provou ser um “campo de batalha da classe”, as cicatrizes e

de volta entre nosso povo, fazendo o trabalho para o qual foram cotados para fazer”. Dedicatória em EHRENBURGH, Ilya. *The fall of Paris*. London: Hutchinson, n.d.), folha de guarda (sob posse do autor). Sobre Frank Thompson veja THOMPSON, E. P. *Beyond the Frontier: The politics of a failed mission*: Bulgária, 1944. Stanford, CA: Stanford University Press, 1997; CONRADI, Peter J. *A Very English Hero: the Making of Frank Thompson*. London: Bloomsbury, 2012.

⁴³ Thompson então repetidamente se lançou no papel de príncipe palhaço do empirismo inglês, para que talvez não seja necessário oferecer uma infinidade de citações/exemplos. Sua prática não era tão diferente do movimento de libertação gay, que, como cresceu mais desafiador, abraçou termos de escárnio, tais como (“queer” - homossexual), e estampou-os em suas faixas de reivindicação. Uma citação será suficiente: “Devo começar meu argumento em desvantagem manifesta. Poucos espetáculos seriam mais ridículos que o de um historiador inglês – e, além disso, um manifestadamente autoincriminado de práticas empíricas – tentando oferecer correção epistemológica para um rigoroso filósofo parisiense. Eu posso sentir quando olho para o papel diante de mim, os rostos sombrios de uma audiência esperançosa, incapaz de esconder sua alegria crescente”. Thompson, 1978, p. 197

⁴⁴ THOMPSON, op. cit., 1997, p. 17.

solidariedades daquilo que ainda era visível no pós-Segunda Guerra Mundial, no entanto, incompreendido por aqueles que Thompson chamou de estrangeiros. “Se tivermos em nossa vida social um pouco da tradição da *égalité*”, argumentou, “a consciência de classe do operário tem pouco nele de deferência”. Ele citou a declaração de James Morrison de 1834 sobre a opressão de classe: “somos órfãos e bastardos da sociedade”, mas acrescentou: “o tom não é de resignação, mas de orgulho”.⁴⁵

Esse espírito certamente impulsionou as divergências de Thompson com o grupo liderado por Perry Anderson na condução da *New Left Review* desde meados até o final dos anos 1960. Nessa mudança de trajetória de Thompson havia mais que uma pequena consideração pela “dialética emocionante de fazer e de quebrar, a formação de hipóteses conceituais e a entrada de evidência empírica para reforçar ou para quebrar essas hipóteses, esse atrito entre investigação ‘molecular’ e a generalização ‘macroscópica’”, que ele associou com o melhor que a Inglaterra tinha para oferecer, a qual mais enfaticamente incluía suas mobilizações da classe operária e as instituições e as tradições que surgiram como consequência. Em *As peculiaridades dos ingleses*, Thompson sugeriu a Anderson e Nairn que se fossem “ao encontro dos trabalhadores verdadeiros do movimento operário, [eles] descobririam que muitos deles são muito mais sofisticados do que a conservadora *simplici* de sua imaginação”. A Inglaterra, insistiu Thompson, “provavelmente não se renderá a um marxismo que não pode, no mínimo, estabelecer um diálogo no idioma Inglês”; “Muito havia sido experimentado na Inglaterra”, Thompson advertiu, e isso não estava pronto para ser escrito: “este é um velho país europeu. Vimos não apenas a chuva que o novo deus trouxe para outros países, mas também o trovão e o raio – ‘o dilúvio sangrento’”.⁴⁶

Em uma longa carta de descontentamento com a direção da *New Left Review*, a qual o levaria em breve a deixar esse projeto político, Thompson impulsionou-se com esse paradoxo

⁴⁵ Ibidem., p. 914-915.

⁴⁶ THOMPSON, op. cit., 1965, p. 337, 349.

de internacionalismo e anglicismo. *Onde nós estamos agora* é uma estranha articulação de descontentamentos políticos de Thompson bem *antes* das explosões de 1968, que revela uma luta utópica para combinar as solidariedades de lutas que estavam ocorrendo no interior das reconfigurações globais e as particularidades e o potencial das tradições nacionais:

O que é certamente necessário – e aqui eu queimo meu último barco – é que socialistas da nossa espécie deveriam agora ser um pouco mais simples de fala e menos inteligentes, mais dispostos a começar a quebrar nossas demandas nos programas, mais dispostos a defender nossas posições e menos dispostos a deixá-las ao primeiro sinal de que não são respeitáveis, ou que algo *muito mais* inteligente tenha sido publicado em Paris ou dito em Balliol. [...] colocar nossas botas na cena britânica e andar por aí entre o povo britânico; ouvi-los um pouco mais; ter um toque de humildade diante da sua experiência, sem um precioso receio de que o menor contato com programas ou slogans manchará nossa integridade intelectual. [...] Certamente podemos ver o povo britânico esbarrando em fatos: e nós deveríamos certamente estar lá com eles, ajudando a chegar a conclusões? Porque, se em nossa maneira confusa fomos capazes de quebrar ou crescer através de um novo tipo de sociedade socialista, este seria um evento de importância comparável à Europa de 1789. [...] Não haverá nenhuma maneira de sair da Guerra Fria, exceto através da consumação do fogo, a não ser que em algum lugar no mundo capitalista avançado, uma nação possa se mover. Desde a perversidade do desenvolvimento histórico, a nação pode ser nossa. Se não formos capazes de ampliar as escassas possibilidades existentes, falhamos com nós mesmos e com o mundo. [...] Não estamos acabados [...] O mundo está preso em uma contradição, em que muitos de nós se encontram em Londres, Paris e Roma. E socialistas ingleses! Insulares, moralistas, empíricos, afluentes, comprometidos – apesar disso, três mundos podem estar esperando por nós.⁴⁷

⁴⁷ THOMPSON, E. P. *Where Are We Now?*, p. 20. Esse manuscrito não publicado, em

Paradoxos de outros tipos também cortaram a presença de Thompson nos círculos intelectuais e políticos. Sua natureza como um polímata, um erudito, como o Caudwell que ele tanto admirava,⁴⁸ fez com que ele abordasse o conhecimento, a política e as produções da escrivinha de uma variedade de pontos de vista, nenhum dos quais se encaixa facilmente nos quadros convencionais da teoria crítica contemporânea, nem descansam contentes em ortodoxias ou movimentos de esquerda, em que Thompson gravitou instintivamente.

No reino da teoria, a natureza paradoxal de Thompson era evidente. Ele foi um teórico que, no entanto, foi muito rápido em negar suas contribuições nessa área. Quaisquer fossem as vulnerabilidades de Thompson e avaliações icterícias de suas contribuições teóricas, não se pode negar que ele tinha um sentido particular da teoria que enriqueceu, não somente a escrita histórica, mas também outras esferas acadêmicas. Thompson era, às vezes, apesar de sua tendência direcionada à autodepreciação e de se afundar, insistente em sua abordagem de questões teóricas com rigor e sofisticação. “Eu tenho me apresentado a vocês como uma personagem anglo-saxã mais confusa do que é verdade”, ele disse em uma entrevista em Nova York, em 1976, respondendo a uma pergunta sobre por que não tinha escrito sobre a indústria cultural do capitalismo avançado e seu impacto sobre o radicalismo do século XIX. “Eu sempre escrevi sobre isso”, Thompson respondeu, “mas eu escrevi sobre o assunto principalmente no nível da teoria”.⁴⁹

Os racionalistas de 1956 e os historiadores sociais das décadas de 1970/1980, participando das classes e dos hábitos culturais, sempre foram orientados por Thompson a considerar seu objeto, seja ele um movimento político ou um esforço de pesquisa histórica, emanando em partes a partir de preocupações

SAVILLE, John. *Ensaio na Brynmor no arquivo da biblioteca Jones*. Universidade de Hull, foi compartilhado comigo por Wade Matthews.

⁴⁸ THOMPSON, op. cit., 1977, p. 78-142.

⁴⁹ MERRIL, 1976, p. 15.

teóricas.⁵⁰ Seu compromisso político com o humanismo socialista, por exemplo, implicou não só em uma rejeição do stalinismo, mas em um questionamento e uma rejeição aprofundados da metáfora da base-superestrutura.⁵¹ Thompson, assim, entrava sempre em um debate teórico, muito mais do que a maioria dos historiadores convencionais, muitas vezes desafiando os pensadores filosóficos mais pesados, com os quais se comunicava em seus termos, não nos dele. Sua relação com a teoria foi novamente estranha, porque Thompson via a teoria não tanto como autogeração e livre, mas como sendo relacional, estendida e desenvolvida na crítica/polêmica. O argumento era o motor da teoria, conduzindo a compreensão para novas realizações, acelerando o ritmo de conceituação e seu aperfeiçoamento. Para complicar ainda mais, Thompson tinha chegado a pensar, na década de 1970, que a teoria não somente era provisória, dependente sempre de estabelecer suas reivindicações através do argumento e contra-argumento, mas que a própria noção de ser guiado por qualquer “teoria abrangente” era talvez a própria heresia.⁵² Essa não foi a posição padrão dos teóricos.

O que tudo isso e muito mais sugere é a impossibilidade de reduzir e moldar Thompson as nossas próprias predisposições, de classificá-lo através de alguma grade interpretativa que inevitavelmente se mostrará inadequada em suas capacidades de definir, muito menos de situar e compreender. A estranha escola em que Thompson entendeu ser necessário colocar-se produziu o paradoxo e, impulsionado pelo argumento, a diferença. Isso não significa que não havia nenhuma continuidade e nenhum recurso fundamental geral unificador na atividade política e intelectual de Thompson. Havia muita continuidade e unidade, mas eles

⁵⁰ Veja, por exemplo, THOMPSON, E. P. *History and Anthropology*, e *Agenda for Radical History*, em *Persons & Polemics*, 201-227, 360-366; MERRIL, 1976, p. 15-22.

⁵¹ THOMPSON, E. P. *Agency and Choice: A Reply to Criticism*, *New Reasoner*, 5, Summer, 1958, p. 89-106; *Ibidem*, *A Pessay in Ephology*, *New Reasoner*, 10, Autumn, 1959, p. 1-8, Uma discussão teórica que ele então assumiu novamente nos anos 1970 em *The poverty of theory*.

⁵² MERRIL, op. cit., 1976, p. 18-19.

se perseveraram através de décadas de circunstâncias políticas e intelectuais diferentes; Thompson inevitavelmente reagiu a tais desenvolvimentos e, no processo, mudou, embora não tão impressionantemente que possamos realmente encontrar rupturas de sentido. A área mais óbvia em que Thompson mudou sua perspectiva relaciona-se com a política do marxismo, dentro da qual ele sofreu uma série de reconstruções associadas aos anos 1950, 1960, 1970 e 1980.⁵³ No entanto, não se pode afirmar que ele sempre repudiou compromissos fundamentais com o humanismo socialista.⁵⁴ As causas em que ele investiu energias políticas nas décadas de 1970 e 1980, a defesa das instituições e práticas democráticas em face de invasões estaduais e desagregações⁵⁵ e, em seguida, emprestando sua pessoa pública integralmente a um discurso internacionalista sobre a paz, o desarmamento, e a natureza das liberdades no Oriente e no Ocidente, bem como a Índia da Emergência (1975-1977),⁵⁶ levou um radical inglês para diversos países. Lá, Thompson se dirigira a centenas de reuniões e participava de inúmeras comissões, algumas delas em situações de repressão autoritária, que eram eventos clandestinos.

Em sua terra natal, Thompson passou a ser uma figura pública que poderia receber uma popularidade superada apenas pela rainha, a rainha mãe e Margaret Thatcher. Ele se tornou algo como o William Cobbett de seu tempo. Centenas de milhares de

⁵³ Uma das últimas demonstrações abreviadas de Thompson sobre sua mudança de relação com o marxismo é THOMPSON, E. P. Agenda for Radical History, em Op. cit. *Persons & Polemics*, p. 360-366.

⁵⁴ Nota SOPER, Kate. Socialist Humanism, em KAYE, Harvey J.; McCLELLAND, Keith (Ed.). *E. P. Thompson: Critical Perspectives*. Philadelphia: Temple University Press, 1990. p. 204-232.

⁵⁵ Veja THOMPSON, *Writing by Candlelight*, 1980.

⁵⁶ Muito poderia ser citado sobre esse desenvolvimento, mas o que merece nota é: THOMPSON, E. P. Détente and Dissent. In: COATES, Ken. (Ed.), *Détente & Socialist Democracy: A Discussion with Roy Medvedev*. Nova York: Monad Press, 1976. p. 119-138; THOMPSON, E. P. *Double Exposure*. Londres: Merlin, 1985; e o não publicado (para a segurança dos dissidentes indianos) THOMPSON, E. P. *Strictly Confidential: Six Weeks in India, Saville Papers*, Hull University Archives, 1977.

peças cresceram acostumadas com as apresentações teatrais de Thompson antes dos comícios do movimento da paz da década de 1980, cientes de que, assim que ele subisse ao palco, com seu cabelo branco voando, seu corpo esguio encostado a uma alusão histórica a William Blake, sua paixão explodindo, não mais na página, mas por um mar de ouvintes, eles estavam sendo tratados com recusas e argumentos e oposições à consolidação de um “consenso do juízo final.” E tudo ouvido com base nas melhores tradições de oratória da classe operária inglesa no início do século XIX. Se Paine tinha mudado o mundo com um panfleto, *Protesto & Sobrevivência* de Thompson com suas vendas na ordem das centenas de milhares, falhou em ter o mesmo impacto, mas chegou tão perto quanto qualquer publicação comparável.⁵⁷ Isso não foi feito sem uma imensa dedicação, esforço e uma preparação exaustiva. A perda que isso provocou em Thompson o matou em 1993, bem antes de seu tempo e antes que ele tivesse a chance de completar adequadamente todos os projetos de escrita. Nestes, também, Thompson tinha mantido uma certa fé: ao longo de décadas, sua poética e histórias mantiveram seus contornos essenciais, levedando o pão de interpretação com seus compromissos fermentadores, uma mistura argumentativa de sensibilidades e recusas que tiraram a agência humana dos trabalhadores das sombras e a colocou à luz de compromissos sociais, que agora podem ser vistos em termos de como eles influenciaram o desenvolvimento e a mudança da sociedade.

Thompson como Acontecimento Histórico

A estranha negociação de Thompson dos processos relatados de construção e escrita da história e de atos reais complexos de recusa, e a conversão deles em arte de forma discordante, verdade combativa,

⁵⁷ Publicado pela primeira vez como um panfleto THOMPSON, E. P. *Protest and Survive*. London: CND/Bertrand Russell Peace Foundation, 1980. Rapidamente reeditado com o coautor Dan Smith como *Protest and Survive*. Harmondsworth, England: Penguin, 1980.

têm poucos precedentes modernos. Ele foi de muitas maneiras, *sui generis* e, para complicar, sua singularidade era frequentemente paradoxal. Talvez não possamos fazer melhor, na busca por uma maneira de apreciar Thompson e seu propósito, do que nos voltar a suas próprias compreensões de classe. “A melhor estrutura de rede sociológica não pode nos dar uma amostra pura de classe, da mesma forma como não nos pode dar uma amostra de consideração ou de amor”,⁵⁸ Thompson escreveu, e nenhuma classificação, categoria ou rótulo analítico capturará a totalidade da forma de ser de Thompson. Como classe, com todas as suas contradições estranhas, Thompson resiste a ser encapsulado em qualquer “substitucionismo” que o conceba de forma limitada, sem conhecimento de suas recusas calejadas e paradoxais de ser confinado, vendo-o não como ele era, mas como pensamos que ele deveria ter sido.

Thompson era tão relacional argumentativamente quanto o processo historizado da classe que ele desenterrava de forma tão brilhante. Sempre situado no interior do desenvolvimento histórico, ele poderia se engajar apenas através de intervenções ativas que o levassem a oposições e a uma busca para ampliar o debate. A importância de Thompson, como a de classe, é, portanto, inseparável das relações historicamente constituídas: com os indivíduos e suas ideias, bem como o senso de suas responsabilidades e deveres de Thompson; com movimentos e mobilizações e suas contribuições para essas coletividades e suas expectativas em relação a elas, à pesquisa, e seu diálogo entre evidências e teorias, uma dança da dialética em que passado, presente e futuro são trazidos para um encontro argumentativo e até mesmo polêmico. Thompson aconteceu dentro da história e ele nunca ficou por muito tempo separado de suas relações humanas, preso como sempre em teias de determinação que definem as possibilidades da política, mas de maneiras muitas vezes paradoxal. Dessa forma, é preferível ver Thompson como ele próprio via o processo de classe, que investigou com essa visão, como nada menos que um *acontecimento histórico* extremamente criativo.

⁵⁸ THOMPSON, op. cit., 1968, p. 9.